

UFPb / BIBLIOTECA / PRAI

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
Setor de Doc. e História Regional  
CAMPINA GRANDE - PB.

CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

O CANGAÇO - Uma Interpretação Histórica  
MARIA DALVA SILVA.

CAMPINA GRANDE - Pb

1983

CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

Monografia que apresento à Banca Examinadora composta pelos professores MICHEL ZAIDAN FILHO (Orientador), GENNY DA COSTA E SILVA (Coordenador) e, ODETE MAGALHÃES DE AMORIM (Membro) indicados pela Comissão Coordenadora de Trabalhos Monográficos do Curso de Bacharelado em História.

Campina Grande - Pb

- 1983 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

## SUMÁRIO

|   | Pág. |
|---|------|
| - Introdução .....  | 01   |
| *- Origem e caracterização da estrutura agrária brasileira .....                    | 02   |
| - Contradição entre a permanência da estrutura agrária e o regime republicano ..... | 03   |
| - O coronelismo .....   | 04   |
| - A parentela .....   | 05   |
| - Os jagunços .....   | 06   |
| *- Contexto social da formação dos jagunços .....                                   | 06   |
| - O Cangaço "independente" .....  | 07   |
| - O bandido social .....  | 09   |
| - Os bandos independentes .....   | 10   |
| - O bando de Antonio Silvino .....  | 12   |
| - O bando de Lampião .....  | 15   |
| *- O cangaço na Paraíba .....   | 20   |
| - Conclusão .....   | 23   |
| - Bibliografia .....  | 25   |

- INTRODUÇÃO.

Sobre este tema, O CANGAÇO - Uma Interpretação Histórica, encontramos uma vasta bibliografia, onde a abordagem histórica parte de diversas correntes ideológicas. O nosso intuito é estudá-lo do ponto de vista econômico-social, sem no entanto, perder de vista o conteúdo político que se insere no movimento, visando da mesma forma compreender o processo de origem e evolução do cangaço, relacionado com o coronelismo.

A presente monografia tem por espaço geográfico o Nordeste, no período da primeira República, dando ênfase ao início do Século XX, onde os interesses coloniais continuam tendo grande espaço na política em geral.

É nesse contexto que se desenvolve o nosso propósito: explicar como a estrutura fundiária contribuiu para o surgimento e evolução do cangaço independente; como se portavam os principais bandos independentes, sua organização e sistema de ataques, o papel repressivo das autoridades governamentais através das unidades móveis-volantes-e num estágio final, entender as razões do desaparecimento deste tipo de banditismo que conseguiu manter-se durante tanto tempo no sertão nordestino, desafiando a estrutura de poder. \*

Reconhecemos por fim, o caráter provisório e limitado deste estudo, extraído em sua totalidade de uma leitura de fontes secundárias sobre o tema, sendo portanto, <sup>passíveis</sup> possíveis de um futuro aprofundamento em trabalhos posteriores.

- A ORIGEM E A CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA AGRÁRIA BRASILEIRA.

Desde a colonização, a estrutura fundiária brasileira esteve dominada pela grande propriedade, a começar pela distribuição das Sesmarias aos donatários, conservando-se, ainda hoje, o latifúndio gerador de muitos movimentos, que conseguiu atravessar quatro séculos quase intacto, notadamente no Nordeste.

A abundância de terras concentradas em uma única propriedade, caracteriza a nossa estrutura fundiária, onde o monopólio de posse de terras frustra as tímidas tentativas da produção de subsistência, sendo engolidas pelo latifúndio monocultor e exportador, pois, é a demanda do mercado externo quem dita o produto a ser cultivado como é o exemplo clássico do açúcar, posteriormente o algodão, que quando superados por outros produtos similares de outros países, assiste-se ao declínio e estagnação da produção.

Nas relações de trabalho presentes no latifúndio a partir da abolição do tráfico de escravos - força-de-trabalho predominante no período do apogeu da cana-de-açúcar - assistimos a uma relativa expansão do trabalho assalariado. No Nordeste onde são irrisórios as chances de obtenção de pequenos tratos de terra para a subsistência de famílias camponesas, bem como a dominação político-social do coronel, tudo isso acarreta um incremento da emigração rumo às fazendas de café, produto agora principal da exportação brasileira, que representa de certa forma, uma saída para a mão-de-obra expulsa dessa região onde o desenvolvimento do trabalho assalariado no campo é lento, predominando as relações sociais de produção pré-capitalistas, a saber, o agregado, o parceiro e a subordinação do morador.

No Brasil, principalmente no interior, vemos a conservação do latifúndio improdutivo ou destinado à criação de gado e a alimentos para o rebanho, enquanto o grosso da popula-

ção rural está desprovida de terras sobrevivendo sob o paternalismo do "coronel",<sup>(1)</sup> traço principal da estrutura que barra a formação de uma consciência política no homem do campo.

A consequência marcante deste tipo de estrutura agrária para a sociedade é notada no processo da política econômica empreendida pelo governo, que atende aos interesses das oligarquias fundiárias como é o exemplo da Política de Valorização do café em 1906 que veio garantir a produção que constituía na época o centro do desenvolvimento capitalista no Brasil.<sup>(2)</sup>

- CONTRADIÇÃO ENTRE A PERMANENCIA DA ESTRUTURA AGRÁRIA E O REGIME REPUBLICANO.

Na sociedade brasileira do princípio do século XX, com a passagem do Império Centralizado para a República Federativa descentralizada, onde as províncias passaram a gozar de uma certa autonomia financeira, administrativa e política, o latifúndio continua a marcar presença no novo sistema representativo, através da figura do coronel, que assegura seu prestígio pelo poder de garantir a eleição de candidatos governistas em seu reduto eleitoral, pois é capaz de ditar as regras eleitorais em troca de melhorias materiais para o município e em particular que beneficiem os seus interesses, esse poder de barganha inicia-se no poder local, estendendo-se até o federal.

Neste contexto político, o voto que na presente República é extensivo a todos os cidadãos alfabetizados (com exceção das mulheres), o que não exprime a opinião consciente do eleitorado, não representa uma conquista do eleitor que poderia votar no candidato que mais lhe parece capacitado, o voto na verdade torna-se um bem comerciável e o eleitorado vota em troca de um favor, ele é leal ao coronel e nem sequer tenta votar

---

(1) "CORONEL" - título adquirido em virtude de terem ocupado postos de policiamento em sua região na Guarda Nacional, que ao se extinguir deixou encravado na cabeça dos brasileiros a patente de coronel. Ver Queiroz p. 155-156.

(2) Ver Prado Jr. p. 207-256 e Furtado p. 177-194.

noutro candidato, senão o indicado, por que este tem um compromisso moral de proteger aos seus eleitores.

- O CORONELISMO,

Na passagem do Império à República, a última conserva alguns elementos da primeira, entre estes encontramos o potenta do local, na figura do coronel e sua clientela. Nesse sentido, o novo regime vai se adequar à antiga estrutura fundiária, com elementos novos, como o voto, eleições - como foi descrito acima - todos subordinados ao coronel, representante maior do mandonismo local, que se expande com vigor na República, conseguindo empregos em cargos públicos para seus afilhados, que geralmente ficam à serviço do padrinho. Na maioria dos casos, o afilhado não está devidamente capacitado para assumir o cargo, mostrando desta forma a fraqueza do regime perante o coronel, que é indispensável ao Poder Governamental, pela dominação que exerce sobre seus dependentes e até correligionários.

O coronelismo pode ser estudado através do conceito de Parentela, sobre isto, Maria Isaura Pereira de Queiroz:

"A multiplicidade dos coronéis é, assim, o aspecto essencial, a originalidade da estrutura política do Brasil na Primeira República, traço que se prende diretamente à estrutura sócio-econômica tradicional do país, fundamentada em grupos de parentela que são ao mesmo tempo grupos de parentesco de sangue com suas alianças e grupos de associados econômico-políticos". (3)

---

(3) QUEIROZ. O Coronelismo numa Interpretação Sociológica. H.G.C.B. p. 159.



## - A PARENTELA,

Cabe-nos neste instante explicitar o conceito de Parentela, que nos mostra como esta estrutura constituiu um elemento fundamental do coronelismo:

"Entendemos por "parentela" brasileira um grupo de parentes de sangue formado por várias famílias nucleares e algumas famílias grandes (isto é, que ultrapassam, o grupo pai-mãe-filhos), vivendo cada qual em sua moradia, regra geral economicamente independentes; as famílias podem se encontrar dispersas a grandes distâncias umas das outras; o afastamento geográfico não quebra a vitalidade dos laços, ou das obrigações recíprocas". (4)

No meio rural esta dispersão citada por Ma. Isaura é comum. As casas se acham a quilômetros de distância entre elas. No entanto, o coronel sempre as visita, para garantir o seu prestígio, prestando favores, aconselhando e até intercedendo nos negócios, em suma exercendo a sua função de padrinho protetor. Uma forma de diminuir essa distância é o casamento entre membros da parentela, vindo acentuar os laços que os unem. E quando nasce uma criança, os pais logo tratam de convidar o coronel e sua esposa para serem os padrinhos - geralmente no Nordeste encontramos o tipo de apadrinhamento onde o convidado é economicamente superior, em outras palavras, seus bens, garantem o convite.

Entre os membros da parentela é cultivado um forte sentimento solidário, onde todos estão dispostos a ajudar os membros que por ventura estejam em dificuldades, passando por uma fase de constantes prejuízos, porém, não se pode excluir a pos-

---

(4) QUEIROZ. O Coronelismo numa Interpretação Sociológica. H.G.C.B. p. 165.

sibilidade de desentendimentos de desequilíbrios e a consequente cisão de uma parentela para a formação de outras.

#### - OS JAGUNÇOS.

O Coronel a partir dos favores prestados dispõe constantemente de uma clientela para outros fins não eleitorais - mas que se acirram principalmente neste período - pois, estão ao lado de seu líder, o coronel, em todas as ocasiões participando até em rixas de famílias. A grosso modo, essa clientela é uma massa sem consciência e sem vontade própria, pois, quando se tornava viável ao coronel aliar-se ao um outro, rival seu, todos os seus comandados passavam às boas graças com o aliado e quando essa aliança se desfazia, eles tornavam-se mais uma vez inimigos ferrenhos do antigo rival e de seus jagunços. Nesse sentido cada coronel possuía um exército particular - os jagunços - cujo papel, bem específico, consistia em garantir através das armas a integridade do coronel e concomitantemente o seu prestígio, já que era via-coronel que chegava o material necessário para preservar o "voto de cabresto",<sup>(5)</sup> a saber: dinheiro, roupas, calçados, etc. Aos jagunços, também competia a prática de crimes em defesa do coronel, depredando fazendas e em tempos normais (calmos) cuidavam do gado e da agricultura, e por estarem sob a proteção do coronel, ficavam impunes da ação policial.

#### - CONTEXTO SOCIAL DA FORMAÇÃO DOS JAGUNÇOS.

Uma das razões da existência do jagunço em torno do coronel, notadamente no Nordeste é que nesta sociedade rural pré-capitalista, o monopólio da terra, a monocultura para a exportação, entravam o desenvolvimento das forças produtivas, barraram o processo de modernização da agricultura de subsistência, excluindo desta forma, a absorção do trabalho assalariado, conservando formas pré-capitalistas de relações de trabalho que

(5) LEAL. Coronelismo, enxada e voto. 1975.

não deixam de ser exploradoras. O coronel oferece proteção em troca de lealdade, submissão e a própria consciência do trabalhador, achando que a melhor maneira de viver é ao lado do coronel, longe dos cangaceiros - não deixando de ser meio cangaceiro - e com alguns privilégios que na verdade são apenas para disfarçar a exploração.

Um exemplo claro é o coronel ceder a semente ao morador para que seja paga com a produção. Aliado a este fato, voltamos a frisar o isolamento das populações rurais, entregues ao analfabetismo, ignorando todo o mundo exterior, conhecendo exclusivamente os limites da comunidade em que vive. O trabalhador rural, muito ligado à religião, à crença de que tudo acontece segundo a vontade de Deus, é incapaz de perceber que no âmbito internacional estão ocorrendo mudanças, que o mundo está em desenvolvimento industrial, a agricultura evoluindo e as forças produtivas se revolucionando, enquanto ele apenas está a serviço do coronel, sem terra própria para trabalhá-la sem condições de melhorar o seu modo de viver, sendo assim as opções de empregos praticamente inexistentes para essa população analfabeta, restando apenas, o alistamento na polícia - onde os soldos mal davam para suprir as suas necessidades básicas - ou se subordinavam ao latifúndio que de certa forma oferece melhores soldos.

#### - O CANGAÇO "INDEPENDENTE".

Os que não conseguem se enquadrar nesta estrutura coronelística de poder encontram dois caminhos: a emigração para o sul - onde o processo de industrialização se desenvolvia e as fazendas do café, de certo modo absorvia parte da mão-de-obra excedente do Nordeste - ou a vida no cangaço. No entanto o ingresso na vida do cangaço não era de forma escolhida, automática, na verdade muitos não tinham outra opção, por ter cometido um crime condenado pela polícia, mas que para a comunidade em que vive, é considerado como crime de honra,<sup>(6)</sup> justo, por isso, ele é protegido por esta população, mas sem encontrar ou-

---

(6) Este crime dá origem ao bandido de honra que visa lavar a sua ou a honra de sua família.

tro espaço, enveredam no cangaço. Outros " os jagunços - fogem do domínio do coronel e da semi-escravidão a que se submetera, entrando no cangaço como uma forma de protesto que representa uma libertação das mazelas do latifúndio, lutando contra o domínio de terras. Porém, como escreve Rui Facó:

"Não é só no monopólio da propriedade fundiária que reside a matriz do cangaço, era em todo o atraso econômico, no isolamento do meio rural, no imobilismo social, na ausência de iniciativas outras que não fossem as do latifundiário - e as desse eram quase nenhuma". (7)

Isso é evidenciado pela falta de empregos para a população sem terra, que cresce superando as possibilidades de absorção pelo latifúndio e a falta de outros empregos urbanos assalariados, bem como a seca que castiga a pequena propriedade produtora de alimentos básicos. Outro fator está ligado à dependência do governo aos coronéis. Dependente e comprometido com os coronéis, o governo nada faz para reter o homem à terra. A própria Igreja com sermões que pregam a resignação, o conformismo e a espera de um mundo melhor, contribue para que alguns, mesmo sem consciência de classe, especificamente formada, mas consciente de sua condição de explorado, sem alternativa, se rebelam lutando contra essa ordem de coisas entrando no cangaço para sobreviver. A singularidade do cangaço reside em sua diferença em relação ao banditismo político remunerado, como escreve Ralph Della Cava:

"Diferentemente do banditismo político e remunerado, que fora criado e protegido pelos coronéis antes de 1914, o banditismo profissional dos anos 20 se caracterizou pelo surgimento de pequenos bandos de homens desgarrados, cuja liderança era entregue a um de seus próprios membros". (8)

(7) FACÓ, R. Cangaceiros e Fanáticos. 1978. p. 36.

(8) DELLA CAVA. Milagre em Joazeiro. 1977. p. 218.

- O BANDIDO SOCIAL.

O bandido social - produto da desorganização da estrutura econômico-social - surge numa sociedade rural onde os laços de parentesco são muito fortes e que está na fase de transição para a industrialização, onde o avanço do capitalismo destrói gradativamente os laços de família, trata-se de um elemento pré-político e não revolucionário como escreve Carlos Alberto Dória:

"... ele nunca é inimigo dos poderosos em geral - não combate a classe dominante, mas apenas as autoridades e os opressores locais, responsáveis diretos pelas injustiças e perseguições".<sup>(9)</sup>

O cangaceiro pode ser tomado como exemplo do Bandido Social no Nordeste, onde o homem sem terra, sem emprego e a seca assolando o pouco que possui é praticamente obrigado a se aventurar no cangaceirismo, lutando contra quem o persegue - é o chamado cangaço independente - que o marginaliza, passando a compor bandos armados que assaltam, saqueiam, pilham, sem no entanto matar gratuitamente. A morte não só é permitida se for em defesa própria ou vingança do contrário o líder a proibia expressamente.

"O cangaço independente modelava-se à imagem e semelhança da ordem patriarcal, consolidando a sua própria clientela, e constituindo-se inclusive em forma de acesso a áreas de realização, não apenas econômicas, até então inatingíveis para a maioria da gente simples".<sup>(10)</sup>

---

(9) DÓRIA. O Cangaco. 1982. p. 15.

(10) Idem. p. 35.

Assim o cangaço representa uma forma democrática para uma certa ascensão social, de acordo com a sua destreza e manejo de armas.

Diferente do cangaço que funciona, apenas, nos períodos de seca, onde a população rural do sertão nordestino assiste impotente a destruição de sua lavoura, a dizimação dos pequenos rebanhos e para suprir suas necessidades formam pequenos bandos que pilham periodicamente as zonas férteis do cariri, menos vulneráveis aos efeitos da seca; o cangaço independente, desligado de antigos mandões locais com remuneração é um fenômeno que reflete o momento político e econômico do Brasil com raízes mais profundas no Nordeste, como evidencia Maria Isaura Pereira de Queiroz:

"O cangaço independente coincide, pois, com um período de marasmo econômico para as populações do Nordeste, que, devido às circunstâncias específicas do seu próprio meio, haviam sempre recorrido à complementações ocupacionais fora dela; no período em questão, o meio exterior nada lhe oferecia, e a maior parte da população via-se confinada a seus próprios recursos", (11)

E quando os recursos acumulados durante os anos de boa colheita acabam, a população não tem alternativa, não conhecendo outro meio a que possa recorrer formam os bandos independentes sob a direção de um líder que comanda os ataques.

#### - OS BANDOS INDEPENDENTES.

Os bandos independentes, cujo contexto social expressam uma consciência pré-política, pois, como já foi dito, na essência eles não tinham consciência de classe e mais, não se

---

(11) QUEIROZ, Ma. Isaura. Os Cangaceiros. 1971. p. 203.

constituíam uma organização ligada a partidos políticos nem possuíam conteúdo revolucionário, na verdade eram praticamente formados espontaneamente, onde havia a predominância de membros da família ou diretamente ligados a ela. Como é o exemplo do bando de Lampião, onde, estavam seu irmão, cunhado e outros. No entanto não deixavam de ter sua organização interna, com costumes rígidos, onde a obediência ao chefe era total, vivendo todos num regime de compadrio semelhante às relações coronelísticas. O interessante é que no bando o ...

"... título de compadre não apenas indicava o nível do indivíduo no bando, como também o gênero de relações que uniam os indivíduos de grau mais elevado". (12)

Assim, os escalões mais altos, ou seja os chefes tratavam-se de igual para igual usando o nome de batismo e/ou chamando-se por você e compadre, os demais tratavam o chefe com mais cerimônia e respeito sem, no entanto, com isso quebrar os laços de amizade que os unia. O relacionamento de igual para igual também se estendia nas conversas que os chefes de bando mantinham com os coronéis, se respeitavam, mas se tratavam mutuamente por você.

O cangaço independente, sob a figura de seu líder, relaciona-se amistosamente com alguns coronéis e outras figuras mais urbanos como os comerciantes, os farmaceuticos etc., expedindo uma espécie de carta que o protege de outros bandos que por ventura se façam presentes no local. Os que lhe oferecem casa e comida por um determinado período, os "coiteiros",<sup>(13)</sup> quando descobertos pela polícia também passam a ser perseguidos e muitos entram nos bandos para vingar-se dos males que a força repressora lhes aplica, estendendo-se a sua família. Os coiteiros ficam numa posição bastante incômoda, pois, se ficam ao lado dos bandos sofrem perseguições de todo tipo da polícia, se

---

(12) QUEIROZ, Ma. Isaura. Os Cangaceiros. 1977. p. 175.

(13) "Coiteiros" - são assim chamadas as pessoas que abrigam bandos e/ou cangaceiros ou os encobrem, quando perseguidos pela polícia, no entanto, ser um coiteiro nem sempre é uma decisão espontânea, na maioria dos casos, a pessoa o é pelas forças das circunstâncias.

resolvem ajudá-la na caça, indicando o rumo dos cangaceiros, na primeira oportunidade eles matam a todos da casa, não poupando ninguém, por isso, os coiteiros quando descobertos acham mais conveniente a entrada nos bandos, mudando inclusive, o nome de batismo, para apelidos de guerra, evitando desta forma a sua identificação e a conseqüente ligação à sua família para que esta não se torne alvo da matança dos caçadores de bandidos, que não respeitam - como os cangaceiros em vingança, - nem mulheres e crianças, sendo todos dizimados, ou quando têm tempo, batem em retirada fugindo para outras localidades, vivendo num intenso nomadismo: ora fugindo da ação policial, ora dos cangaceiros que juram vingança quando delatados.

2 - O BANDO DE ANTONIO SILVINO.

No Nordeste formaram-se alguns bandos de cangaceiros - ros que proliferaram-se sobretudo nos períodos em que a seca castigava o homem pobre do campo. Em princípio, são pequenos bandos compostos de 3 a 10 homens, que se dissolvem assim que as chuvas começam a cair, alguns de postura mais firmes prolongam sua existência por vários anos, é nesse instante que nos deteremos na história de dois bandos: o de Antonio Silvino<sup>(14)</sup>, tendo durado 18 anos e de Lampião<sup>(15)</sup> que conseguiu permanecer no cenário sertanejo por 20 anos.

Antonio Silvino entrou no cangaço em 1896, passando a viver se escondendo nas caatingas do sertão, embora suas lutas ainda hoje sejam desconhecidas dos pesquisadores do assunto. O seu bando vestia-se com uniformes da guarda Nacional, mas as suas patentes eram apenas honoríficas. É bom saber que, de certa forma, os cangaceiros admiravam e aspiravam os postos militares, pois, é comum aos chefes apresentarem-se perante os seus comandados de acordo com a hierarquia militar. Na Paraíba, o

---

(14) O seu nome de batismo é Manuel Batista de Moraes passando a chamar-se de Antonio Silvino em homenagem ao seu padrinho Silvino Ayres que o deixou como líder do grupo.

(15) Lampião, cujo nome é Virgulino Ferreira da Silva, adquiriu este nome de guerra numa batalha, que quando ao relata-la disse que seu fuzil iluminava mais que um lampião de tantos tiros que disparou.



bando investiu contra a vila de Pilar. Ali chegando, saqueou , sem no entanto, levar nada além do necessário. A um comerciante local, Pio Napoleão, que guardava em seu cofre 50 contos, Silvino apenas pediu a quantia de 200 mil-réis, dizendo que se fosse ladrão levaria todo o dinheiro, porém, naquele instante só necessitava da quantia pedida. Conta-se que tratava-se de um homem que costumava dividir benevolmente o resultado dos seus saques com os pobres, aumentando a sua popularidade junto à população pobre, dos sertões por onde passava.

Antonio Silvino passou a lutar diretamente contra a polícia a partir de um combate que travou com os comandados de José Gouveia, cujo sobrinho havia sido por ele (Antonio Silvino) surrado para vingar um amigo, o resultado desse combate foi a retirada dos seus inimigos. A partir de então o seu bando não mais parou de agir e sua fama cresceu.

Com o alvorecer do século XX, o sertão nordestino conhece algumas mudanças que o aproximam mais, embora lento, do desenvolvimento que se verificava em outras áreas do Brasil. Inicia-se a fase de construção de estradas que encurtam o isolamento sertanejo facilitando as comunicações através dos correios que proliferam nas cidades, partindo das capitais. A Companhia Inglesa Great Western inicia a construção da estrada de ferro. Tais mudanças não eram vistas com bons olhos por Antonio Silvino que passou a perseguir os correios, tomando-lhes os malotes, e como não sabia ler queimava toda a correspondência, temendo que contivessem ordens para a sua captura. Depredava os trilhos e partes já construídas impedindo a continuação do serviço, expulsando os trabalhadores e engenheiros do local de trabalho, chegou até a pedir uma indenização de 30 contos de réis - pelas terras que julgava suas - para que o trem pudesse trafegar por aquela região.

Era de fato um líder intrépido, visto que teve a petulância de algumas vezes mandar avisar à força policial o lugar onde se encontrava, cobrava impostos aos negociantes, arrecadou dízimos e intitulou-se "governador do Sertão".<sup>(16)</sup>

---

(16) não aceitava de forma alguma a autoridade do Governador de Pernambuco; o sertão desta forma era o seu reduto e portanto aceitável o seu posto que era sustentado através do seu bando armado, no entanto, é certo que o posto era apenas ilusório, existindo apenas em sua cabeça e nos dos seus comandados.

Em fins de 1912, inicia-se a caçada a Antonio Silvino que antes era tido como elemento fundamental nas eleições, pois, os candidatos que ele indicava aos seus amigos, tinha boa votação. No entanto, essa popularidade se tornava cada vez mais perigosa, daí os governos da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte unirem-se num acordo visando exterminar o bando e com êle o cangaço. Sabedor da situação que ora imperava, o caçado tornava-se cada vez mais ousado, furando sorrateiramente o cerco policial, desafiando as autoridades da Paraíba - como mostra Ma. Isaura P. de Queiroz - quando Antonio Silvino obriga um telegrafista a transmitir as seguintes palavras:

"Dr. Castro Pinto. Governador bandido. Não precisava reunir quatro Estados para perseguir-me, pois garanto que não saio de dois, fazendo perseguição ao seu governo. Doutor Massa (chefe de polícia) to da perseguição que me fizer eu me vingo em sua família. Doutor José Rodrigues (de Carvalho, Secretário do Governo), pise milho, cesse massa e dê a esse pinto para comer, que o mal dele é fome (assinado) - Antonio Silvino de Moraes - (carta publicada no Jornal Pacotilha, de 30/01/1913).<sup>(17)</sup>

Mas sō alguns meses depois, ou seja, em novembro de 1914 é que chegam ao fim as aventuras de Antonio Silvino, que foi traído por Joaquim Pedro, que sob pressão da polícia indicou o paradeiro do cangaceiro, que foi pego de surpresa, resistindo durante 3 dias - mesmo ferido - pelo Sargento Alvino que se alistou nas volantes por ter o seu armazém saqueado pelo bando, tendo o prazer de pegar o cangaçeiro, exigiu que não lhe fizesse mal, recambiando-o à Recife onde o bandoleiro foi processado. Cumpriu a sua pena, após 20 anos de cadeia Antonio Silvino foi solto por determinação do então presidente Getúlio Vargas, falecendo em outubro de 1944 em Campina Grande, Paraíba.

---

(17) QUEIROZ, Ma. Isaura, Os Cangaceiros, 1977. p. 78/79.

O bando de Antonio Silvino marca o início do cangaço independente caracterizando-se pela luta contra o governo, como pode ser sentido pela mensagem emitida ao governador da Paraíba, já referida anteriormente. Por outro lado a resposta do governo se corporifica através das unidades móveis da polícia - as volantes - que se vestiam semelhantes aos cangaceiros, provinham geralmente da população pobre e de famílias lesadas por eles. Essas volantes praticavam roubos, saques, crimes, perseguições às famílias e todo tipo de violência que em muitas vezes eram atribuídos aos cangaceiros. No entanto, os componentes das volantes perderam muito tempo, potencial bélico e humano para conseguir detectar a tática dos seus inimigos que quando perseguidos enfiavam-se na caatinga, local que conheciam palmo a palmo, tornando as volantes praticamente impotentes para combatê-los eficazmente.

- O BANDO DE LAMPIÃO.

O sucessor de Antonio Silvino, Lampião entrou no cangaço por volta de 1918, e o seu bando organizado e disciplinado dividia-se em patrulhas que atacavam simultaneamente vários lugares, confundindo as volantes. O alvo dos ataques desse bando eram ~~as~~ grandes propriedades onde poderiam conseguir melhores proventos.

A situação nacional, com a crise da República, modificava-se, verificando-se uma série de movimentos urbanos encabeçados por militares que visavam uma nova ordem:

"As décadas de 20 e 30 em que Lampião transitou pelo sertão, registram um considerável avanço no grau de centralização... o sertão por sua vez, estava imerso numa profunda crise econômica e política". (18)

É nessa época que se incrementa o processo de transfe

---

(18) DÓRTIA. O Cangaço. 1982. p. 63.

rência da importância do Nordeste para o Sul, ou seja, o Nordeste perde a sua hegemonia política e econômica. A cultura do algodão que conheceria uma larga expansão de sua produção devido a fatores externos - a primeira guerra mundial - mergulha agora numa profunda crise sem conseguir voltar ao progresso anterior. O charque encontra no mercado a concorrência do produto gaúcho e ainda as secas que continuam estragando a produção de todo o sertão nordestino, deixando os sertanejos praticamente sem alternativas. É aí que se desenvolve e se fortalece o bando de Lampião, iniciando suas façanhas, que se tornaram tão conhecidas em nosso meio literário.

Não nos deteremos, porém, em saber como Lampião entrou no cangaço, pois, já é sabido que foi para vingar a morte de um parente, no caso seu pai. A sua ascensão ao posto de Chefe do bando se fez quando ele era o braço direito do antigo chefe Sinhô Pereira, que ao abandonar o cangaço, deixa o destino do bando ao seu encargo, com uma tarefa a cumprir: matar dois dos seus maiores inimigos - João Nogueira e o comerciante Luiz Gonzaga de Souza Ferreira. Cumprida a missão, ele organizou o grupo do qual agora tornava-se líder.

"Aí começa a peregrinação daquele que seria depois conhecido como o Rei do Cangaço e Governador do Sertão",<sup>(19)</sup>

Peregrinação que deixou em seu rastro muitas mortes, assaltos, saques no comércio de povoados, vilas e algumas cidades. Quando perseguido, Lampião e seu bando dispersavam-se correndo cada membro em uma direção, apagando taticamente os rastros para não deixar pistas, encontrando-se todos em um local previamente combinado.

Lampião esteve em muitas regiões nordestinas. Na Paraíba, em 1922, visitou a vila de Princesa, sendo bem acolhido pela população local por ter atacado a temida e poderosa família Dantas. No entanto, ao combater tal família e seus aliados cultivou a fúria do Sargento Quelê (Clementino Furtado) que tornou-se um dos maiores inimigos e perseguidor.

---

(19) FACÓ. Cangaceiros e Fanáticos. 1980, p. 57.

O sargento Quelé, em sua perseguição a Lampião, torturou um coiteiro, obrigando-o a indicar o esconderijo do cangaço, que estava na Serra da Baixa Verde, em 1923, travando-se então o combate na região. Lampião saiu ferido e foi se esconder no vale enquanto convalescia. No ano seguinte, o povoado de Souza foi invadido pelo bando que cortou os fios do telegráfico para que não denunciasses a sua presença ali. Nessa investida pilharam o comércio, pegando os gêneros alimentícios necessários, roupas, calçados, etc.

Em 1925, os cangaceiros, vestidos de soldados, investiram contra o povoado de Custódia, onde recolheram dinheiro da população. Em seguida dirigiram-se a uma farmácia para fazer curativos em dois de seus homens feridos em combate, terminado, Lampião escreveu um bilhete, que de posse do mesmo o farmacêutico estava protegido do ataque de outros cangaceiros que por ventura ali passassem - era uma forma de agradecer os favores prestados. No ano seguinte, Lampião visitou o Padre Cícero em Joazeiro, a quem muito respeitava e na cidade foi nomeado Capitão do Exército Brasileiro pelo Inspetor do Ministério da Agricultura Pedro de Albuquerque Uchôa, para que o bando perseguisse a coluna Prestes. No entanto, o documento oficialmente não valia, como lhe explicou um coiteiro, seu amigo, onde pernoitou em sua casa, e ficou sabendo que o grupo a que estava perseguindo era em número muito superior ao bando. Assim Lampião desistiu do intento, voltando para a fazenda que havia comprado perto de Vila Bela, quando objetivava abandonar o cangaço, mas no caminho preferiu ficar na festa da padroeira do povoado da Penha.

Outra decepção de Lampião foi a malograda investida a cidade de Mossoró, a maior cidade que ousadamente o bando atacou no ano de 1927. O ataque foi planejado para ser executado por três grupos, no entanto as autoridades resistiram. Lampião capturou três personalidades importantes, conseguindo apenas 50 contos como resgate dos prisioneiros, quando o objetivo inicial era receber 400 contos do prefeito para não pilhar a cidade.

Em 1928 Lampião tencionou abandonar o cangaço, disperstando o seu bando em virtude da acirrada perseguição policial e

refugiou-se na fazenda do Coronel Petronilho que lhe cedeu armas, homens e até gado para cuidar.

Segundo Optato Gueiros, um dos mais célebres perseguidores de Lampião, na fazenda do Coronel Petronilho "Lampião passou seis meses como se fora um turista arquimilionário". (20)

Durante esse período Lampião conheceu uma vida tranquila, regalada e rodeado de amigos que moravam na vizinhança chegando até a intervir pacificamente em questões de terra. Visitou várias vezes Geremoabo, onde mantinha relações cordiais com o prefeito, o delegado e outras autoridades.

É nesse período que Maria Bonita se infiltra no bando e o chefe recomeça suas aventuras nos sertões nordestinos. Outras mulheres também juntaram-se ao bando. Conta-se que Maria Bonita representava um freio nas violências do companheiro, intervindo muitas vezes em favor das vítimas.

O bando continuou subdividido em 3 grupos, comandados de 1932 a 1936 por Lampião, Corisco e Virgínio, respectivamente, continuando a tática do ataque simultâneo em lugares distintos. No entanto, Lampião estava mais sedentário, atendendo aos apelos de Maria Bonita, comandando um e outro ataque com menor frequência.

Em 1938, o ano fatídico para o bando, o cabo João Bezerra designado para a tarefa de extermínio dos cangaceiros, prendeu o comerciante Pedro Cândido, que ao ser torturado, confessou sua ligação com Lampião, delatando o lugar onde estavam escondidos. em Sergipe. O bando foi surpreendido por uma forte fuzilaria que os massacrou. A patrulha saqueou e pilhou a caverna, onde se encontravam escondidos, logo após cortaram as cabeças dos mortos, a começar pela de Lampião e Maria Bonita. Os corpos foram atirados no riacho. As cabeças hoje encontram-se expostas no acervo do Museu Nina Rodrigues, do Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia.

(20) DÔRIA, O Cangaço. 1982. p. 74.

Corisco, havia se separado de Lampião, mas contiuvam muito ligados e ao saber do massacre, invadiu povoados, saqueou e matou pessoas que tivesse sobrenome Bezerra e as que fossem ligadas a família.

Com a morte do Rei do Cangaço, os quatro Estados novamente se uniram na luta contra o cangaço, oferecendo anistia aos que se entregassem. A maioria atendeu às determinações do Governo, só Corisco não se entregou e continuou suas façanhas, escondendo-se nas caatingas. Quando ferido pela polícia, ele não conseguiu manejar com a antiga habilidade as armas. Foi então que juntamente com sua mulher Dadá, decidiram abandonar o cangaço e recomeçar uma vida diferente em outro lugar longe do sertão, onde vivia em constantes tropelias. Foi aí que o coronel José Rufino, sabedor do plano do casal, investiu contra eles em 1940, assassinando Corisco e ferindo Dadá, que, em decorrência, perdeu uma perna, terminando desta forma, dizimado, o cangaço independente. Independente dos mandos dos coronéis.

Lampião tornou-se o símbolo do cangaço, sendo contada a sua história, nas feiras por cantadores de viola, repentistas, escrita em folhetos de cordel e obras literárias consagradas.

Cada um em sua época, em seu território, esses tais cangaceiros conseguiram intranquilizar o sertão e as autoridades nordestinas. Porém, de certa forma, representavam uma categoria de homens mais humanos que lutavam contra o monopólio da terra e contra os poderosos, que hoje, quase meio século após o fim do ciclo do cangaço, usando novos métodos repressivos e disfarçados aterrorizam a população, principalmente pessoas ligadas a partidos políticos de esquerda que são o alvo do terror nesse mundo moderno, que se diz democrático, mas que, só expressam covardia, sob o medo, o da ordem ser modificada pelos oprimidos. Não só do sertão nordestino, que ficou atrasado em relação ao país como todo, mas de todo o Brasil que assiste pasmado tudo que em benefício do capitalismo se faz para manter a exploração.

## - O CANGAÇO NA PARAÍBA.

Sobre a Paraíba não conhecemos uma bibliografia específica que relate o cangaço. Mas sabemos que tanto o bando de Antonio Silvino quanto o de Lampião em suas aventuras tiveram como alvo para saques, alguns povoados e vilas paraibanas. Infelizmente pouco tem-se escrito sobre o cangaço independente, nesse Estado nordestino.

Por outro lado, a Revolta de Princesa, sob a direção do Coronel José Pereira, teve a participação de cangaceiros porêm ligados ao coronel acima citado. Não tratando-se, desta forma, de um cangaço que luta contra o monopólio da terra. Os cangaceiros lutavam contra o poder Estadual, mas a serviço da classe dominante - os coronéis. Não estavam imbuídos de um sentimento transformador pela exploração que estavam submetidos, mas estavam para matar e morrer pelos interesses do coronel. É, portanto, um cangaço remunerado e por isto não carrega em sua luta as características que definem o cangaço independente.

Para entendermos essa participação dos cangaceiros, partiremos da conjuntura política-econômica que atravessa o Estado nesse período, ano 1930.

Na Paraíba - a exemplo dos demais Estados nordestinos - o poder Estadual estava intimamente ligado ao mandonismo local, onde os coronéis ocupavam altos cargos na administração ou influíam nas decisões tomadas pelos governantes: municipais e estaduais.

Com a eleição de João Pessoa para a presidência do Estado, por indicação de seu tio e ex-presidente da Paraíba, Epitácio Pessoa, inicia-se as divergências entre a capital e o interior paraibano, já que o novo presidente traria em sua plataforma de governo dois pontos fundamentais: a primeira refere-se a uma política sistemática de desprestígio aos coronéis e com isso a perseguição e extinção dos cangaceiros; a segunda trata-se de reerguer a economia e os cofres estaduais. Pontos que atingiram profundamente os coronéis sertanejos, que como a comunicação com a capital através de estradas praticamente i-



nexistia, devido às péssimas condições de tráfego, eles comerciavam diretamente com os Estados vizinhos, desfalcando as finanças estaduais. Para combater esse comércio considerado ilegal, João Pessoa instituiu uma taxa de importação-exportação que visava fomentar a economia interna, bem como a instalação de empresas pernambucanas na Paraíba. Este imposto foi denominado a "guerra tributária" que, na realidade procurava acabar o comércio das cidades interioranas com os Estados vizinhos. Alguns familiares do presidente, residentes em Pernambuco, tinham grandes interesses neste comércio - os Pessoa de Queiroz - viram-se ultrajados, e começaram pelos jornais uma guerra de palavras insultuosas, passando posteriormente a instigar os coronéis a se revoltarem contra o presidente, financiando o movimento, como mostra Ma. I. L. Rodrigues:

"A insatisfação dos chefes locais feridos em suas prerrogativas de detentores do mandonismo e possuidores de "exércitos particulares" juntava-se o ânimo de um grupo endinheirado para financiar a sublevação". (21)

Esse "grupo endinheirado" tratava-se dos Pessoa de Queiroz.

O estômico da revolta, entre outros motivos, foi o não cumprimento dos compromissos que João Pessoa havia assumido em troca de apoio eleitoral do Coronel José Pereira e outros. Mas é tido como principal pelos revoltosos - motivo puramente político - a exclusão de João Suassuna da nova Bancada do Governo.

O coronel conseguiu juntar 2.000 homens, entre os seus jagunços e de outros coronéis aliados, pois gozava de grande prestígio na região, recebeu armas e munições de outros Estados. Enquanto que as pedidas pelo presidente não chegavam, este fazia campanha popular para conseguir segurar as suas tropas no combate que continuava entre jagunços e policiais.

Os revoltosos aspiravam à intervenção federal, declarando José Pereira, o povoado de Princesa independente do Govern

(21) RODRIGUES. A revolta de Princesa. 1981. p 26

no da Paraíba, mas respeitando as autoridades federais. Com o assassinato de João Pessoa - pelo advogado João Dantas, ligado aos Pessoa de Queiroz e muito interessado no comércio interestadual - a luta esfria, o ânimo revolucionário vai se apagando, até acabar definitivamente e Princesa é ocupada pelo exército. A vida nesta localidade começa a voltar à normalidade, ocupando-se as vagas que João Pessoa havia determinado o esvaziamento no setor burocrático. (9)

Como vimos, a participação do cangaço se dá, como forma alternativa de emprego, pois, é remunerado e ao mesmo tempo é combatido duplamente: em primeiro lugar como agentes do coronel e em segundo, por serem considerados bandidos que precisam a todo custo serem danidos e assim ter fim o cangaço que intranquiliza o governo e a população.

Mas é bom não perder o conteúdo econômico que levatais homens - os cangaceiros - que continuam sem terra a procurar um meio de vida, encontrando-o no "exército particular" do coronel que oferece maiores chances de sobreviver no árido sertão.

Cangaceirismo e coronelismo estão intimamente ligados em um reside a segurança do outro, há uma relação simultânea, o coronel garante a sua propriedade, o seu prestígio, o cangaceiro garante a sua sobrevivência, ficando totalmente subordinado ao primeiro, matando, morrendo por uma causa que sente ser um pouco sua e ao mesmo tempo, tendo oportunidades para vingar-se de males sofridos anteriormente, pois sabe que o coronel não lhe negará proteção.

- CONCLUSÃO.

O ponto de vista mais geral deste trabalho é que o cangaço, enquanto movimento social, deve ser estudado a partir das características históricas da estrutura agrária brasileira e de seus reflexos sobre a formação da sociedade e o Estado no Brasil, juntamente com a utilização de algumas categorias sociológicas que dêem conta da particularidade das relações sociais que dão origem ao Cangaço e da forma que assume esse movimento de contestação social.

Neste sentido, chegamos à conclusão que o monopólio da propriedade de grandes extensões territoriais voltadas exclusivamente para a monocultura de exportação onde impera <sup>M</sup>relações de trabalho pré-capitalistas, como pano de fundo mais geral vai, na passagem do século, se contrapor a uma forma de governo representativo dando origem a uma instituição singular na vida brasileira: o coronelismo.

Este traço da instituição política brasileira foi bem definido por Victor Nunes Leal, como um modo de patronagem e clientelismo que na base de uma troca de favores, arregimentando eleitoralmente as massas rurais em apoio aos políticos situacionista na esfera municipal e estadual.

Por sua vez, o que explica a influência do coronelismo e um tipo de relação social definido por Maria Isaura Pereira de Queiroz, como "parentela" - organização social baseada nos laços primários e numa solidariedade horizontal, interclasse. Este tipo de relações sociais - fruto da absoluta dependência das massas rurais frente ao latifúndio, na ausência de qualquer perspectiva social, é responsável pela existência do fenômeno dos jagunços, modalidade de cangaço a serviço dos coronéis que desempenha funções políticas, militares e econômicas junto ao latifúndio.

Outra modalidade de cangaço - o cangaço independente - foi, contudo, o objeto privilegiado de nossa atenção. Entendemos essa forma de banditismo como uma manifestação primitiva

de protesto e revolta social contra a exclusão econômica operada pelo latifúndio monocultor e a dominação coronelística gerada por esse. E para isto utilizamos o conceito elaborado por Hobsbawn de bandido social, que atribui a este tipo de movimento social, características como: caráter pré-político, carência de ideologia definida, falta de estrutura organizativa, base rural e traços pré-capitalistas. Secundariamente, nos servimos da categoria "bandido de honra" cunhada por Maria Tsaura Pereira de Queiroz, sobretudo no que diz respeito ao tratamento dispensado pelas comunidades rurais aos cangaceiros.

Procurando concretizar o estudo apresentamos, de forma resumida, a passagem de dois importantes bandos de cangaceiros no Nordeste e pelo Estado da Paraíba: o de Antonio Silvino e o de Lamnião, tentando realçar em suas trajetórias aquelas características gerais atrás mencionadas.

Por fim, expusemos rapidamente a modalidade do cangaço que vingou no Estado da Paraíba em relação à dominação coronelística, reduzida que foi a joguete nas brigas internas dos coronéis paraibanos.

Resumindo, o movimento do cangaço independente representou uma reação contrária ao latifúndio explorador e as autoridades repressoras.

- BIBLIOGRAFIA.

1. - DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Trad. Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976. 279 p.
2. - DÓRIA, Carlos Alberto. O Cangaco. 3a. ed. São Paulo. Brasiliense, Coleção Tudo é História. Nº 6. 1982. 99p.
3. - FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. Gênese e Lutas. 6a. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1980. 222p.
4. - FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 17a. ed. São Paulo. Editora Nacional. 1980. 298p.
5. - HOBSBAWN, Eric J. Rebeldes Primitivos. Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Tradução Waltensir Dutra. 2a. ed. Rio de Janeiro Zahar editores. 1978. 238 p.
6. - LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 2a. ed. São Paulo. Alfa-Omega. 1975. 270 p.
7. - MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestados. In: História Geral da Civilização Brasileira. Boris Fausto (Dir.): Tomo III. O Brasil Republicano. 2º v. Sociedade e Instituições (1889 - 1930). 2a. ed. Rio de Janeiro. São Paulo. 1978. pp. 41-92.
8. - QUEIROZ, Maria Isaura de. O Coronelismo numa Interpretação Sociológica. In: História Geral

da Civilização Brasileira. Boris Fausto (Dir.)  
Tomo III. O Brasil Republicano. 1ª v. Estru -  
tura de poder e Economia (1889-1930). 2a  
ed. São Paulo. Difel. 1977. pp. 155-190.

9. - \_\_\_\_\_. Os Cangaceiros. São Paulo, Duas Cidades.  
1977. 226 p.
10. - RODRIGUES, Ines Caminha Lopes. A Revolta de Prin -  
cesa; Uma contribuição ao Estudo do Mandonis -  
mo Local. João Pessoa. Pb. Secretaria de Edu -  
cação e Cultura 1978. 189 p.
11. - \_\_\_\_\_. A Revolta de Princesa. Poder Privado x  
Poder Instituído. São Paulo. Brasiliense. Nº19  
Coleção Tudo é História. 1981. 81 p.
12. - PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Bra -  
sil. São Paulo. Editora Nacional. 1980. 248p.

*Aprime o presente trabalho  
com nota 8,0 (alto)  
Edete / Bogalhati de Amorim  
Co. Grande, 27/12/1983*